

## Um Fim à Negligência dos Problemas da Mulher Negra - Claudia Jones

*Tradução feita por Beatriz Behling. Livro publicado em:*

*<https://abolitionnotes.org/claudia-jones/neglect>*

Sintomático dessa nova militância é o fato de que as mulheres negras se tornaram símbolos de muitas lutas atuais do povo negro. Esse crescimento da militância entre as mulheres negras tem um significado profundo, tanto para o movimento de libertação negra quanto para a emergente coalizão antifascista e antiimperialista.

Compreender corretamente essa militância, aprofundar e ampliar o papel das mulheres negras na luta pela paz e por todos os interesses da classe trabalhadora e do povo negro significa, principalmente, superar a negligência grosseira dos problemas especiais das mulheres negras. Essa negligência permeou por muito tempo as fileiras do movimento trabalhista em geral, dos progressistas de esquerda e também do Partido Comunista.

A avaliação mais séria dessas deficiências pelos progressistas, especialmente pelos marxistas-leninistas, é vitalmente necessária se quisermos ajudar a acelerar esse desenvolvimento e integrar as mulheres negras no movimento progressista e trabalhista e em nosso próprio partido.

A burguesia teme a militância da mulher negra, e com razão. Os capitalistas sabem, muito melhor do que muitos progressistas parecem saber, que uma vez que as mulheres negras agem, a militância de todo o povo negro e, portanto, da coalizão anti-imperialista, aumenta muito. Historicamente, a mulher negra tem sido a guardiã, a protetora da família negra. Desde os dias dos traficantes de escravos até o presente, a mulher negra tem a responsabilidade de cuidar das necessidades da família, de protegê-la militantemente dos golpes dos insultos do Jim-Crow, de criar os filhos em uma atmosfera de terror de linchamento, segregação e brutalidade policial, e de lutar por uma educação para as crianças.

A intensificação da opressão do povo negro, que tem sido a marca registrada da ofensiva reacionária do pós-guerra, não pode, portanto, deixar de levar a uma aceleração da militância da mulher negra. Como mãe, como negra e como trabalhadora, a mulher negra luta contra a extinção da família negra, contra a existência do gueto Jim-Crow que destrói a saúde, o moral e a própria vida de milhões de suas irmãs, irmãos e filhos.

Visto sob esse prisma, não é por acaso que a burguesia americana intensificou sua opressão, não apenas contra o povo negro em geral, mas também contra as mulheres negras em particular. Nada expõe tanto o impulso à fascização na nação quanto a atitude insensível que a burguesia exhibe e cultiva em relação às mulheres negras.

A ostentação dos ideólogos da burguesia – de que as mulheres americanas possuem “a maior igualdade” no mundo – é exposta em toda a sua hipocrisia quando se vê que em muitas partes do mundo, particularmente na União Soviética, nas Novas Democracias e no terra anteriormente oprimida da China, as mulheres estão alcançando novos patamares de igualdade. Não a igualdade, mas a degradação e a superexploração: esse é o verdadeiro destino das mulheres negras!

Considere a hipocrisia do governo Truman, que se vangloria de “exportar a democracia para todo o mundo”, enquanto o estado da Georgia mantém uma negra viúva, mãe de doze filhos, trancada a sete chaves. O crime dela? Ela defendeu sua vida e dignidade auxiliada por seus dois filhos dos ataques de um “supremacista branco”. Ou pondere o silêncio com que o Departamento de Justiça saudou a Sra. Amy Mallard,

professora negra viúva, desde que seu marido foi linchado na Geórgia por ter comprado um Cadillac novo e se tornado, na opinião dos supremacistas brancos, "muito arrogante."

Compare isso com as lágrimas de crocodilo derramadas pela delegação dos EUA nas Nações Unidas para o cardeal Mindszenty, que colaborou com os inimigos da República Popular da Hungria e procurou impedir a marcha para a democracia mais plena pelos trabalhadores e camponeses anteriormente oprimidos da Hungria. Recentemente, o presidente Truman falou solícito em uma proclamação do Dia das Mães sobre a manifestação de "nosso amor e reverência" por todas as mães da terra. O chamado "amor e reverência" pelas mães da terra não inclui de forma alguma as mães negras que, como Rosa Lee Ingram, Amy Mallard, as esposas e mães dos seis de Trenton, ou outras inúmeras vítimas, ousam revidar contra a lei do linchamento e a violência da "supremacia branca".

### **Dificuldades econômicas**

Muito pelo contrário, as mulheres negras - como trabalhadoras, como negras e como mulheres - são o estrato mais oprimido de toda a população. Em 1940, duas em cada cinco mulheres negras, em contraste com duas em cada oito mulheres brancas, trabalhavam para viver.

Em virtude de sua condição de maioria entre os negros, as mulheres negras não apenas constituem a maior porcentagem de mulheres chefes de família, mas também são as principais provedoras da família negra. A grande proporção de mulheres negras no mercado de trabalho é principalmente resultado da baixa renda dos homens negros. Essa desproporção também tem suas raízes no tratamento e na posição das mulheres negras ao longo dos séculos.

Após a emancipação, e persistindo até os dias atuais, uma grande porcentagem de mulheres negras casadas e solteiras foram forçadas a trabalhar para viver. Mas, apesar da mudança no emprego das mulheres negras das áreas rurais para as urbanas, as mulheres negras ainda estão geralmente confinadas aos empregos com salários mais baixos. O Birô Feminino, Departamento do Trabalho, EUA (1948, Boletim 225), mostra que as mulheres trabalhadoras brancas têm ganhos médios mais de duas vezes maiores que os das mulheres não-brancas e trabalhadoras não-brancas (principalmente mulheres negras) ganhando menos de \$ 500 por ano! No Sul rural, a renda das mulheres é ainda menor. Em três grandes comunidades industriais do norte, a renda média das famílias brancas (US\$ 1.720) é quase 60% maior do que a das famílias negras (US\$ 1.095).

A superexploração da trabalhadora negra é assim revelada não apenas pelo fato de ela receber, como mulher, salário inferior ao igual por trabalho igual ao dos homens, mas também pelo fato de a maioria das mulheres negras receberem menos da metade do salário das mulheres brancas. Não é de admirar, então, que nas comunidades negras as condições de vida no gueto - baixos salários, aluguéis altos, preços altos, etc. - virtualmente se tornem uma cortina de ferro cercando a vida das crianças negras e minando sua saúde e espírito! Não é de admirar que a taxa de mortalidade materna para mulheres negras seja o triplo da das mulheres brancas! Não é de admirar que uma em cada dez crianças negras nascidas nos Estados Unidos não se torne homem ou mulher!

A baixa escala de ganhos da mulher negra está diretamente relacionada à sua exclusão quase completa de praticamente todos os campos de trabalho, exceto o mais braçal e mal pago, ou seja, o serviço doméstico. Reveladores são os seguintes dados dados no relatório de 1945, Negro Women War Workers (Birô Feminino, Departamento do

Trabalho, EUA, Boletim 205): Mais de um milhão de mulheres negras estão no serviço doméstico.

A esmagadora maioria – cerca de 918.000 – dessas mulheres trabalhadoras são empregadas em famílias privadas, e cerca de 98.000 são empregadas como cozinheiras, garçonetes e em serviços semelhantes em outras residências. Os 60.000 trabalhadores restantes em ofícios de serviços estão em diversas ocupações de serviços pessoais (esteticistas, donas de pensões e pensionistas, diaristas, zeladores, auxiliares de enfermagem, governantas, recepcionistas e ascensoristas).

O segundo maior número de trabalhadoras negras está envolvido no trabalho agrícola. Em 1940, cerca de 245.000 eram trabalhadores agrícolas. Destes, cerca de 128.000 eram trabalhadores familiares não remunerados. Trabalhadores industriais e outros totalizaram mais de 96.000 das mulheres negras relatadas. Trinta e seis mil dessas mulheres estavam na manufatura, sendo os principais grupos 11.300 em vestuário e outros produtos têxteis manufaturados, 11.000 em manufaturas de tabaco e 5.600 em alimentos e produtos relacionados. Trabalhadores clericais e parentes em geral somavam apenas 13.000. Havia apenas 8.300 trabalhadoras negras no serviço público.

O resto das mulheres negras que trabalham para viver foram distribuídas da seguinte forma: professoras, 50.000; enfermeiros e estudantes de enfermagem, 6.700; assistentes sociais e assistenciais, 1.700; dentistas, farmacêuticos e veterinários, 120; médicos e cirurgiões, 129; atrizes, 200; autores, editores e repórteres, 100; advogados e juizes, 39; bibliotecários, 400; e outras categorias que também ilustram a exclusão em larga escala das mulheres negras das profissões.

Durante a guerra contra o fascismo, as mulheres negras pela primeira vez na história tiveram a oportunidade de utilizar suas habilidades e talentos em outras ocupações além do serviço doméstico e pessoal. Eles se tornaram pioneiros em muitos campos. Desde o fim da guerra, no entanto, isso deu lugar a um desemprego crescente, à demissão em massa de mulheres negras, particularmente na indústria básica.

Esse processo foi intensificado com o desenvolvimento da crise econômica. Hoje, as mulheres negras estão sendo forçadas a voltar ao trabalho doméstico em grande número. No estado de Nova York, por exemplo, essa tendência foi confirmada oficialmente recentemente, quando Edward Corsi, comissário do Departamento Estadual do Trabalho, revelou que, pela primeira vez desde a guerra, a ajuda doméstica pode ser facilmente obtida.

Corsi, de fato, admitiu que as mulheres negras não estão desistindo voluntariamente de empregos, mas estão sendo sistematicamente expulsas da indústria. O desemprego, que sempre atingiu primeiro e mais duramente a mulher negra, mais o alto custo de vida, é o que obriga as mulheres negras a voltarem ao serviço doméstico hoje. Acompanhando esta tendência está uma campanha ideológica para tornar o trabalho doméstico palatável. Anúncios diários em jornais que baseiam seus argumentos na alegação de que a maioria dos trabalhadores domésticos que se candidatam a empregos através dos EUA. “preferem esse tipo de trabalho ao trabalho na indústria”, fazem propaganda das “virtudes” do trabalho doméstico, especialmente das “posições de dormir”.

Inerentemente ligada à questão das oportunidades de trabalho no que diz respeito à mulher negra, está a opressão especial que ela enfrenta como negra, como mulher e como trabalhadora. Ela é vítima do estereótipo chauvinista branco sobre onde deveria ser seu lugar. No cinema, no rádio e na imprensa, a mulher negra não é retratada em seu verdadeiro papel de provedora, mãe e protetora da família, mas como uma “mamãe” tradicional que coloca o cuidado dos filhos e das famílias dos outros acima de seu próprio

cuidado. Este estereótipo tradicional da mãe escrava negra, que até hoje aparece em anúncios comerciais, deve ser combatido e rejeitado como um artifício dos imperialistas para perpetuar a ideologia chauvinista branca de que as mulheres negras são “atrasadas”, “inferiores” e as “escravos naturais” dos outros.

### **Aspectos Históricos**

Na verdade, a história da mulher negra mostra que a mãe negra na escravidão ocupou uma posição-chave e desempenhou um papel dominante em seu próprio agrupamento familiar. Isso se deveu principalmente a dois fatores: as condições da escravidão, em que o casamento, como tal, era inexistente, e o status social do negro vinha da mãe e não do pai; e o fato de que a maioria dos negros trazidos para essas terras pelos traficantes de escravos vinha da África Ocidental, onde a posição das mulheres, baseada na participação ativa no controle da propriedade, era relativamente mais alta na família do que nas mulheres européias.

Os primeiros historiadores do comércio de escravos recordam o testemunho de viajantes indicando que o amor da mãe africana por seu filho era insuperável em qualquer parte do mundo. Existem inúmeras histórias que atestam a maneira abnegada com que as mães da África Oriental se ofereceram aos traficantes de escravos para salvar seus filhos e as mulheres hotentotes recusaram comida durante a fome até que seus filhos fossem alimentados.

É impossível, dentro dos limites deste artigo, relatar os terríveis sofrimentos e a degradação sofrida por mães negras e mulheres negras geralmente sob escravidão. Sujeitas ao estupro legalizado pelos senhores de escravos, confinadas em senzalas, forçadas a marchar de oito a quatorze horas com cargas nas costas e a realizar trabalhos árduos mesmo durante a gravidez, as mulheres negras nutriam um ódio ardente pela escravidão e empreendiam uma grande parte da responsabilidade de defender e nutrir a família negra.

A mãe negra era a dona da senzala e, apesar da interferência do amo ou feitor, seus desejos em relação ao acasalamento e nos assuntos familiares eram primordiais. Durante e após a escravidão, as mulheres negras tinham que sustentar a si mesmas e aos filhos. Necessariamente desempenhando um papel importante na vida econômica e social de seu povo, a mulher negra foi educada na autoconfiança, na ação corajosa e altruísta.\*

Há um material documental de grande interesse que mostra que a vida familiar negra e a consciência social e política de homens e mulheres negros sofreram importantes mudanças após a emancipação. Um liberto observou, durante a Guerra Civil, que muitos homens eram excessivamente ciumentos de sua recém-adquirida autoridade nas relações familiares e insistiam no reconhecimento de sua superioridade sobre as mulheres. Após a Guerra Civil, as fileiras de escravos foram desfeitas e as casas dos arrendatários espalhadas por toda a plantação para que cada família pudesse levar uma existência independente. O novo arranjo econômico, a mudança no modo de produção, colocou o homem negro em posição de autoridade em relação à sua família. A compra de propriedades também ajudou a fortalecer a autoridade do homem.

Assim, um ex-escravo, que começou a vida como liberto em uma fazenda de “um cavalo”, com a esposa trabalhando como lavadeira, mas que depois arrendou terras e contratou dois homens, relembra o orgulho que sentia por sua nova condição : “Em meu humilde palácio em uma colina na floresta sob a sombra de pinheiros altos e robustos

carvalhos, eu me sentia como um rei cujas ordens supremas eram 'lei e evangelho para meus súditos'."

É preciso ver que o duplo motivo operava aqui. Em relação à esposa e aos filhos, o homem negro estava agora habilitado a assumir autoridade econômica e outras sobre a família, mas ele também pode lutar contra a violação das mulheres de seu grupo onde antes ele era impotente para interferir. A fundação da igreja negra, que desde o início esteve sob o domínio dos homens, também tendeu a confirmar a autoridade do homem na família. A sanção para a ascendência masculina foi encontrada na Bíblia, que para muitos era a maior autoridade em tais assuntos.

Por meio desses e de outros métodos, desenvolveu-se a subordinação das mulheres negras. Em alguns casos, em vez de emancipar legalmente a esposa e os filhos, o marido permitia que continuassem na condição de escravos. Em muitos casos, as leis estaduais proibiam que um escravo emancipado após certa data permanecesse no estado. Portanto, a única forma de muitas esposas e filhos negros permanecerem no estado era se tornarem "escravos" de seus parentes. Muitos negros proprietários de escravos eram realmente parentes de seus escravos.

Em alguns casos, as mulheres negras se recusaram a se sujeitar à autoridade dos homens. Desafiando as decisões de seus maridos de morar nas casas de seus antigos senhores, muitas mulheres negras levaram seus filhos e se mudaram para outro lugar.

### **Mulheres Negras Em Organizações De Massa**

Este breve quadro de alguns aspectos da história da mulher negra, visto à luz adicional do fato de que uma alta proporção de mulheres negras são hoje obrigadas a ganhar todo ou parte do pão da família, nos ajuda a entender por que as mulheres negras desempenham um papel muito ativo na vida econômica, social e política da comunidade negra hoje. Aproximadamente 2.500.000 mulheres negras estão organizadas em clubes e organizações sociais, políticas e fraternas.

As mais proeminentes de suas organizações são a Associação Nacional de Mulheres Negras, o Conselho Nacional de Mulheres Negras, a Federação Nacional de Clubes Femininos, a Divisão Feminina do Comitê de Liberdades Cívicas de Elks, a Associação Nacional de Esteticistas de Cor, a Liga Nacional de Mulheres Negras de Negócios e a Associação Nacional de Enfermeiras Graduadas Coloridas. Destes, a Associação Nacional de Mulheres Negras, com 75.000 membros, é a maior organização de membros.

Existem inúmeras irmandades, comitês de mulheres da igreja de todas as denominações, bem como organizações entre mulheres de descendência das Índias Ocidentais. Em algumas áreas, N.A.A.C.P. capítulos têm divisões femininas e, recentemente, a Liga Urbana Nacional estabeleceu uma divisão feminina pela primeira vez em sua história.

As mulheres negras são as verdadeiras forças ativas – as organizadoras e trabalhadoras – em todas as instituições e organizações do povo negro. Essas organizações desempenham um papel multifacetado, preocupando-se com todas as questões pertinentes à vida econômica, política e social do povo negro, e particularmente da família negra.

Muitas dessas organizações estão intimamente preocupadas com os problemas da juventude negra, na forma de fornecer e administrar bolsas de estudo, dar assistência a escolas e outras instituições e oferecer serviços comunitários. A luta pela educação superior

para derrubar a Lei Jim-Crow nas instituições superiores foi simbolizada no ano passado pela brilhante estudante negra Ada Lois Sipuel Fisher, de Oklahoma.

As atitudes desdenhosas que às vezes são expressas - que as organizações de mulheres negras se preocupam apenas com o trabalho de "caridade" - devem ser expostas como sendo de origem chauvinista, embora sutis, porque embora o mesmo possa ser dito de muitas organizações de mulheres brancas, tais atitudes falham em reconhecer o caráter especial do papel das organizações de mulheres negras. Essa abordagem falha em reconhecer a função especial que as mulheres negras desempenham nessas organizações, que, além de sua função específica, buscam fornecer serviços sociais negados à juventude negra como resultado do sistema de linchamento Jim-Crow nos EUA.

### **As Trabalhadoras Negras**

A participação insignificante de mulheres negras em círculos progressistas e sindicais é, portanto, ainda mais surpreendente. Sindicato após sindicato, mesmo naqueles sindicatos onde uma grande concentração de trabalhadores são mulheres negras, poucas mulheres negras são encontradas como líderes ou trabalhadoras ativas. As exceções pendentes a isso são o Sindicato dos Trabalhadores em Alimentos e Tabaco e o Sindicato dos Trabalhadores Comunitários e Profissionais.

Mas por que essas seriam exceções? As mulheres negras estão entre as sindicalistas mais militantes. As greves dos meeiros dos anos 30 foram desencadeadas por mulheres negras. Sujeitos ao terror do latifundiário e supremacista branco, eles travaram magníficas batalhas junto com negros e brancos progressistas naquela luta de grande tradição liderada pelo Partido Comunista. As mulheres negras desempenharam um papel magnífico no pré-C.I.O. dias em greves e outras lutas, tanto como trabalhadores quanto como esposas de trabalhadores, para obter o reconhecimento do princípio do sindicalismo industrial, em indústrias como a automobilística, de embalagem, siderúrgica, etc.

Mais recentemente, a militância das mulheres sindicalistas negras se mostra na greve das empacotadoras e, mais ainda, na greve dos tabagistas – na qual lideranças como Moranda Smith e Velma Hopkins emergiram como destacadas sindicalistas. A luta dos trabalhadores do tabaco liderada por mulheres negras mais tarde se fundiu com a ação política de negros e brancos que levou à eleição do primeiro negro no sul (em Winston Salem, N. C.) desde os dias da Reconstrução.

Cabe aos sindicalistas progressistas perceberem que na luta pela igualdade de direitos dos trabalhadores negros é necessário um olhar especial para as trabalhadoras negras, que, em descompasso com as demais trabalhadoras, são o principal sustento de suas famílias. A luta para manter a mulher negra na indústria e para melhorá-la no trabalho é uma forma importante de lutar pelos interesses básicos e especiais da trabalhadora negra. Não reconhecer essa característica é ignorar os aspectos especiais dos efeitos da crescente crise econômica, que está penalizando os trabalhadores negros, particularmente as trabalhadoras negras, com especial severidade.

### **As Trabalhadoras Domésticas**

Uma das manifestações mais grosseiras da negligência dos sindicatos com os problemas da trabalhadora negra tem sido o fracasso, não apenas em lutar contra o rebaixamento da mulher negra ao trabalho doméstico e similar, mas também em organizar a trabalhadora doméstica.

É apenas da boca para fora que os sindicalistas progressistas falam em organizar os desorganizados sem olhar para a grave situação da trabalhadora doméstica, que, desprotegida pelas normas sindicais, também é vítima da exclusão de toda legislação social e trabalhista.

Apenas cerca de uma em cada dez trabalhadoras negras está coberta pela atual legislação de salário mínimo, embora cerca de um quarto de todas essas trabalhadoras sejam encontradas em estados com leis de salário mínimo. Todos os argumentos até agora projetados em relação às dificuldades reais de organização das empregadas domésticas – como o caráter “casual” de seu emprego, as dificuldades de organização de diaristas, o problema de organização de pessoas que trabalham em domicílios individuais etc. - deve ser superado imediatamente. Existe o perigo de as forças social-democratas entrarem neste campo para fazer seu trabalho de espalhar a desunião e a demagogia, a menos que os progressistas ajam rapidamente.

A situação da trabalhadora doméstica é de miséria insuportável. Normalmente, ela não tem definição de tarefas na casa onde trabalha. As trabalhadoras domésticas podem ter “incluído”, além de limpar e esfregar, tarefas como lavar janelas, cuidar das crianças, lavar roupa, cozinhar, etc, e tudo com os piores salários. A trabalhadora doméstica negra sofre com uma desumanidade adicional, que é de ter que procurar trabalho em “mercados de escravos” nas ruas, onde são feitos lances, em lugares parecidos com um bloco de escravos, em que as trabalhadoras mais resistentes eram “contratadas”. Muitas trabalhadoras domésticas, ao retornarem para sua própria casa, devem começar o trabalho doméstico novamente para manter sua própria família.

Quem não ficou furioso quando foi revelado na Califórnia, no hediondo caso de Dora Jones, que uma doméstica negra foi escravizada por mais de 40 anos na América “civilizada”? Seu “empregador” recebeu uma sentença mínima de alguns anos e reclamou que a sentença era “por um período tão longo”. Mas Dora Jones, trabalhadora doméstica negra, poderia ser reembolsada por mais de 40 anos de sua vida em tais condições de exploração e degradação? E quantos casos, participando em vários graus da condição de Dora Jones, ainda são tolerados pelos próprios progressistas!

Apenas recentemente, na Assembléia Legislativa do Estado de Nova York, foram feitas propostas legislativas para as trabalhadoras domésticas poderem bater o ponto. A Lei Martinez nem sequer viu a luz do dia, porque os reacionários estavam concentrados em outras medidas legislativas repressivas. Mas aqui vemos claramente a marca do sistema de “passe” africano do imperialismo britânico (e do Reich alemão em relação ao povo judeu) atacando as trabalhadoras domésticas.

Cabe aos sindicatos auxiliar de todas as formas o Sindicato das Empregadas Domésticas a cumprir a tarefa de organizar as trabalhadoras domésticas exploradas, em sua maioria mulheres negras. Simultaneamente, é de vital urgência e necessidade uma luta legislativa pela inclusão dos trabalhadores domésticos nos benefícios da Lei da Segurança Social. Aqui, também, questões recorrentes sobre “problemas administrativos” de aplicação da lei as trabalhadoras domésticas devem ser questionadas e soluções encontradas.

O contínuo rebaixamento das mulheres negras ao trabalho doméstico ajudou a perpetuar e intensificar o chauvinismo dirigido contra todas as mulheres negras. Apesar de mulheres negras poderem ser avós ou mães, é comum o uso do termo machista “menina” para mulheres negras adultas. A própria relação econômica das mulheres negras com as mulheres brancas, que perpetua as relações de “senhora-criada”, alimenta atitudes machistas e obriga as mulheres brancas progressistas, e particularmente as comunistas, a

lutar conscientemente contra todas as manifestações de chauvinismo branco, abertas e sutis.

O chauvinismo por parte das mulheres brancas progressistas é frequentemente expresso em seu fracasso em manter laços estreitos de amizade com as mulheres negras e em perceber que essa luta pela igualdade das mulheres negras é de seu próprio interesse, na medida em que a superexploração e a opressão das mulheres negras tende a deprimir os padrões de todas as mulheres.

Muitos progressistas, e até alguns comunistas, ainda exploraram trabalhadoras domésticas negras, se recusam a contratá-las através do Sindicato dos Trabalhadores Domésticos (ou se recusam a ajudar em sua expansão para áreas onde ainda não existe) e geralmente de participam da difamação de “empregadas domésticas” ao falar com seus vizinhos burgueses e suas próprias famílias.

Depois, há a expressa “preocupação” de que a trabalhadora doméstica negra explorada não “conversa” ou não é “amigável” com seu empregador, ou o hábito de assumir que o dever do empregador branco progressista é “informar” a mulher negra de sua exploração e opressão que ela sem dúvida conhece intimamente. Desafiar persistentemente cada observação chauvinista no que diz respeito à mulher negra é vitalmente necessário, se quisermos quebrar a compreensível desconfiança por parte das mulheres negras que são repelidas pelo chauvinismo branco que muitas vezes encontram expresso em círculos progressistas.

### **Manifestações Do Chauvinismo Branco**

Algumas das expressões mais grosseiras de chauvinismo podem ser encontradas em eventos sociais, onde, com muita frequência, homens e mulheres brancos e negros participam de danças, mas as mulheres negras são negligenciadas. A aceitação dos padrões da classe dominante branca de “desejo” para as mulheres (como pele clara), o fracasso em estender a cortesia às mulheres negras e em integrar as mulheres negras na liderança organizacional são outras formas de chauvinismo.

Outro aspecto raivoso da opressão de Jim-Crow à mulher negra é expresso nas inúmeras leis que são dirigidas contra ela no que diz respeito aos direitos de propriedade, casamentos mistos (originalmente projetados para impedir que homens brancos no Sul se casem com mulheres negras) - e leis que impedem e negam o direito de escolha, não apenas às mulheres negras, mas também aos homens e mulheres negros e brancos.

Para mulheres e homens brancos progressistas, e especialmente para comunistas, a questão das relações sociais com homens e mulheres negras é, acima de tudo, uma questão de aderir estritamente à igualdade social. Isso significa nos livrarmos da posição que às vezes encontra certos progressistas e comunistas brigando nas questões econômicas e políticas enfrentadas pelo povo negro, mas “traçando a linha” quando se trata de relações sociais ou casamentos mistos. Colocar a questão como uma questão “pessoal” e não política, quando tais questões surgem, é ser culpado do pior tipo de pensamento social-democrata, burguês-liberal no que diz respeito à questão do negro na vida americana; é ser culpado de absorver as venenosas “teorias” chauvinistas brancas de um Bilbo ou de um Rankin. Da mesma forma, também no que diz respeito à garantia da “segurança” das crianças.

Esta segurança será reforçada apenas através da luta pela libertação e igualdade de todas as nações e povos, e não protegendo as crianças do conhecimento desta luta. Isso significa nos livrar das atitudes burguesas-liberais que “permitem” que crianças negras e



brancas de progressistas brinquem juntas em acampamentos quando jovens, mas estabelecem limites quando as crianças atingem a adolescência e estabelecem relacionamentos entre meninos e meninas.

Os ideólogos burgueses não falharam, é claro, em desenvolver uma ofensiva ideológica especial destinada a degradar as mulheres negras, como parte integrante da ofensiva ideológica reacionária geral contra as mulheres da “cozinha, igreja e filhos”. Eles não podem, no entanto, com equanimidade ou credibilidade, falar do “lugar” da mulher negra como em casa; porque as mulheres negras estão nas cozinhas dos outros.

Assim, sua tarefa tem sido intensificar suas teorias de “superioridade” masculina em relação à mulher negra, desenvolvendo atitudes introspectivas que coincidem com a “nova escola” de “inferioridade psicológica” das mulheres. Toda a intenção de uma série de artigos, livros, etc, tem sido confundir a principal responsabilidade pela opressão das mulheres negras, espalhando a podre noção burguesa sobre uma “batalha dos sexos” e “ignorando” a luta de ambas as mulheres negras. Homens e mulheres - todo o povo negro - contra seus opressores comuns, a burguesia.

As expressões chauvinistas também incluem a surpresa paternalista quando se descobre que os negros são profissionais. As trabalhadoras profissionais negras são frequentemente confrontadas com comentários como “Sua família não está orgulhosa de você?” Depois, há a prática inversa de perguntar às profissionais negras se “alguém da família” gostaria de trabalhar como empregada doméstica.

A responsabilidade de superar essas formas especiais de chauvinismo branco não recai sobre a “subjetividade” das mulheres negras, como costuma ser dito, mas diretamente sobre os ombros de homens e mulheres brancas. Os homens negros têm uma responsabilidade especial, particularmente em relação à erradicação de atitudes de superioridade masculina em relação às mulheres em geral.

É necessário erradicar todas as atitudes “humanitárias” e paternalistas em relação às mulheres negras. Em uma comunidade, uma importante sindicalista negra, a tesoureira de sua seção do Partido, ouvia de uma mulher progressista branca após cada função social: “Deixe-me ficar com o dinheiro; algo pode acontecer com você.” Em outro caso, uma trabalhadora doméstica negra que queria ingressar no Partido ouviu de seu empregador, um comunista, que ela era “muito atrasada” e “não estava pronta” para ingressar no Partido.

Em outra comunidade, que desde a guerra foi povoada na proporção de 60% de negros para 40% de brancos, mães brancas progressistas manobram para tirar seus filhos da escola nessa comunidade. Graças à iniciativa da organizadora da seção do Partido, uma mulher negra, iniciou-se uma luta que obrigou a uma mudança nos arranjos que o diretor da escola, cedendo aos preconceitos das mães e aos seus próprios, havia estabelecido. Esses arranjos envolviam uma classe especial na qual algumas crianças brancas eram isoladas com “crianças negras selecionadas” no que era chamado de “aula experimental em relações raciais”.

Essas atitudes chauvinistas, particularmente aquelas expressas em relação à mulher negra, são sem dúvida uma razão importante para a participação grosseiramente insuficiente de mulheres negras em organizações progressistas e em nosso Partido como membros e líderes. A burguesia americana, devemos lembrar, está ciente do papel atual e ainda maior potencial das massas de mulheres negras e, portanto, não reluta em jogar ameixas para os negros que traem seu povo e cumprem as ordens do imperialismo.

Diante da exposição de sua atitude insensível para com as mulheres negras, diante dos crescentes protestos contra os linchamentos impunes e os linchamentos legais “ao estilo do norte”, Wall Street está dando algumas posições simbólicas para as mulheres

negras. Assim, Anna Arnold Hedgeman, que desempenhou um papel fundamental no Comitê Democrata Nacional Negro para Eleger Truman, foi recompensada com a nomeação como Assistente do Administrador de Segurança Federal Ewing. Assim, também, o governador Dewey nomeou Irene Diggs para um alto cargo na Administração do Estado de Nova York.

Outra gota no vento mostrando as tentativas de reduzir a militância das mulheres negras foi o convite do Departamento de Estado a uma representante do Conselho Nacional das Mulheres Negras – a única organização negra assim designada – para testemunhar a assinatura do Pacto do Atlântico.

### **Questões Chave Da Luta**

Existem muitas questões-chave enfrentadas pelas mulheres negras em torno das quais as lutas podem e devem ser travadas.

Mas nenhum dramatiza tanto o status oprimido da feminilidade negra quanto o caso de Rosa Lee Ingram, viúva negra mãe de quatorze filhos - dois deles mortos - que enfrenta prisão perpétua em uma prisão da Geórgia pelo "crime" de se defender do indecente avanço de um "supremacista branco".

O caso Ingram ilustra o status de sem-terra e oprimido da família negra na América. Elucida particularmente a degradação das mulheres negras hoje sob a democracia burguesa americana que se move para o fascismo e a guerra. Reflete os insultos diários aos quais as mulheres negras são submetidas em locais públicos, não importando sua classe, status ou posição. Ele expõe o alibi hipócrita dos linchadores da masculinidade negra que historicamente se escondem atrás das saias das mulheres brancas quando tentam encobrir seus crimes hediondos com o "cavalheirismo" de "proteger a feminilidade branca". Mas as mulheres brancas, hoje, não menos que suas irmãs nos movimentos abolicionistas e sufragistas, devem se levantar para desafiar essa mentira e todo o sistema de opressão negra.

A história americana é rica em exemplos do custo - para os direitos democráticos de mulheres e homens - do fracasso em travar essa luta. As sufragistas, durante suas primeiras prisões, foram propositalmente colocadas em catres ao lado de prostitutas negras para "humilhá-las". Elas tiveram a sabedoria de entender que a intenção era tornar tão doloroso, que nenhuma mulher ousaria lutar por seus direitos se tivesse que enfrentar tais consequências. Mas foi a falha histórica das líderes do sufrágio feminino, predominantemente oriundas da burguesia e da pequena burguesia, que falharam em vincular suas próprias lutas às lutas pelos plenos direitos democráticos do povo negro continuando a emancipação.

Uma consciência em desenvolvimento sobre a questão da mulher hoje, portanto, não deve deixar de reconhecer que a questão do negro nos Estados Unidos é anterior e não igual à questão da mulher; que somente na medida em que combatermos todas as expressões e ações chauvinistas em relação ao povo negro e lutarmos pela plena igualdade do povo negro, as mulheres como um todo poderão avançar em sua luta por direitos iguais.

Para o movimento progressista de mulheres, a mulher negra, que combina em seu status enquanto trabalhadora, negra e mulher, é o elo vital para essa consciência política elevada. Na medida em que a causa da trabalhadora negra for promovida, ela poderá ocupar seu lugar de direito na liderança proletária negra do movimento de libertação nacional e, por sua participação ativa, contribuir para toda a classe trabalhadora americana,

cuja missão histórica é a conquista de uma América Socialista — a garantia final e total da emancipação da mulher.

A luta pela liberdade de Rosa Lee Ingram é um desafio para todas as mulheres brancas e para todas as forças progressistas, que devem começar a se perguntar: até quando vamos permitir que esse crime covarde contra todas as mulheres, contra o povo negro, permaneça sem contestação. A situação de Rosa Lee Ingram e de suas irmãs também traz consigo um desafio para os trabalhadores culturais progressistas de escrever e cantar sobre a mulher negra em toda a sua coragem e dignidade.

O recente estabelecimento do Comitê Nacional para Libertar a Família Ingram atende a uma necessidade há muito sentida desde o movimento inicial que forçou a conversão para prisão perpétua da sentença original de execução da Sra. Ingram. Este Comitê Nacional, chefiado por Mary Church Terrell, fundadora da Associação Nacional de Mulheres de Cor, inclui entre seus líderes mulheres proeminentes, negras e brancas, como Therese Robinson, Grande Diretora Nacional do Comitê de Liberdades Civis dos Elks, Ada B Jackson e Dr. Gene Weltfish.

Um dos primeiros passos do Comitê foi a visita de uma delegação de cidadãos negros e brancos a esta corajosa e militante mãe negra presa em uma cela da Geórgia. A medida de apoio foi tão grande que as autoridades da Geórgia permitiram que a delegação a visse desimpedida. Desde aquela época, no entanto, em retaliação contra o movimento de massa em desenvolvimento, os funcionários da Geórgia transferiram a Sra. Ingram, que sofreu de um problema cardíaco grave, a caminho de uma penitenciária pior, em Reedsville.

O apoio ao trabalho deste comitê torna-se uma necessidade primordial para todos os progressistas, especialmente para as mulheres. O presidente Truman deve ser destituído de sua pretensão de “não saber nada” sobre o caso Ingram. Para liberar os Ingrams, o apoio deve ser reunido para o sucesso da campanha de um milhão de assinaturas e para a ação da ONU na apresentação do Ingram que será arquivado em breve.

A luta por empregos para mulheres negras é uma questão primordial. A crescente crise econômica, com seu crescente desemprego, cortes salariais e crescentes despejos, está fazendo seu impacto ser mais sentido nas massas negras. Em uma comunidade negra após outra, as mulheres negras, as últimas a serem contratadas e as primeiras a serem demitidas, são as que mais sofrem com o desemprego. Lutas devem ser desenvolvidas para conquistar empregos para as mulheres negras na indústria básica, nas ocupações de colarinho branco, nas comunidades e nos serviços privados.

A campanha bem-sucedida do Partido Comunista no East Side de Nova York para conseguir empregos para mulheres negras nas lojas de variedades levou à contratação de mulheres negras em toda a cidade, mesmo em comunidades predominantemente brancas. Esta campanha se estendeu à New England e deve ser travada em outros lugares.

Cerca de 15 agências governamentais não contratam negros. Essa política dá sanção oficial e, ao mesmo tempo, incentiva ainda mais as políticas invasivas de Jim-Crow dos exploradores capitalistas. Uma campanha para conseguir empregos para mulheres negras aqui avançaria muito em toda a luta por empregos para homens e mulheres negros. Além disso, teria um efeito revelador ao expor a hipocrisia do programa de “Direitos Civis” do governo Truman.

Uma forte luta também terá que ser feita contra a prática crescente do Serviço de Emprego dos Estados Unidos de desviar as mulheres negras, apesar de suas qualificações para outros empregos, apenas para trabalhos domésticos e de serviços pessoais.

Onde existe a consciência do papel especial das mulheres negras, uma luta bem-sucedida pode ser iniciada, ganhando o apoio dos trabalhadores brancos. Um exemplo

recente foi a iniciativa tomada por trabalhadoras brancas comunistas de confecções em uma loja que empregava 25 mulheres negras, onde três máquinas estavam ociosas.

A questão da valorização das trabalhadoras negras tornou-se vital. Um movimento de boicote foi iniciado e as máquinas não foram usadas até o momento em que este livro foi escrito, os trabalhadores brancos se recusando a aderir à antiguidade estrita às custas dos trabalhadores negros. Enquanto isso, as negociações sobre esta questão continuam. Da mesma forma, em um Packard U.A.W. local em Detroit, uma luta pela manutenção das mulheres na indústria e pela valorização de 750 mulheres, a grande maioria das quais eram negras, foi recentemente vencida.

## **A Luta Pela Paz**

A conquista das mulheres negras para a luta pela paz é decisiva para todas as outras lutas. Mesmo durante a guerra contra o fascismo, as mulheres negras tiveram que chorar por seus filhos soldados, linchados enquanto serviam em um exército Jim-Crow. Eles, portanto, não estão interessados na luta pela paz?

Os esforços dos guerrilheiros bipartidários para obter o apoio das organizações de mulheres em geral influenciaram muitas organizações de mulheres negras, que, em suas últimas convenções anuais, adotaram posições de política externa que favorecem o Plano Marshall e a Doutrina Truman. Muitas dessas organizações trabalharam com grupos com posições anti-imperialistas declaradas.

Que existe um profundo sentimento de paz entre as mulheres negras que pode ser mobilizado para uma ação efetiva é mostrado, não apenas na magnífica resposta às reuniões de Eslande Goode Robeson, mas também na posição anunciada no ano passado pela mais antiga organização de mulheres negras, sob a liderança da Sra. Christine C. Smith, ao incitar uma mobilização nacional das mulheres negras americanas em apoio às Nações Unidas. A este respeito, será muito proveitoso trazer ao nosso país a consciência das magníficas lutas das mulheres do Norte de África, que, embora carentes das mais elementares necessidades materiais, organizaram um forte movimento pela paz e assim se mantêm unidas contra um Terceira Guerra Mundial, com 81 milhões de mulheres em 57 nações, na Federação Democrática Internacional Feminina.

Nosso Partido, baseado em seus princípios marxistas-leninistas, mantém-se firme em um programa de plena igualdade econômica, política e social para o povo negro e de direitos iguais para as mulheres. Quem, mais do que a mulher negra, a mais explorada e oprimida, pertence ao nosso Partido? As mulheres negras podem e devem dar uma enorme contribuição à vida cotidiana e ao trabalho do Partido. Concretamente, isso significa que a responsabilidade principal é dos homens e camaradas brancos. Os camaradas negros, no entanto, devem participar dessa tarefa. As mulheres negras comunistas devem agora ocupar seu lugar de direito na liderança do Partido em todos os níveis.

As fortes capacidades, militância e talentos organizacionais das mulheres negras podem, se bem utilizadas por nosso partido, ser uma poderosa alavanca para trazer trabalhadores negros - homens e mulheres - como as principais forças do movimento de libertação do povo negro para cimentar o negro e o muro. Imperialismo de rua, e por enraizar o Partido entre os setores mais explorados e oprimidos da classe trabalhadora e seus aliados.

Em nossos espaços partidários, devemos conduzir uma discussão intensa sobre o papel das mulheres negras, de modo a equipar nossos membros do Partido com uma compreensão clara para empreender as lutas necessárias nas lojas e comunidades.

Devemos acabar com a prática em que muitas mulheres negras que se filiam ao nosso Partido e que, em suas igrejas, comunidades e grupos fraternos são líderes de massas, com uma inestimável experiência de massa para dar ao nosso Partido, de repente se veem vistas em nossas células, não como líderes, mas como pessoas que precisam “molhar os pés” organizacionalmente. Devemos acabar com esse fracasso em criar uma atmosfera em nossos clubes em que novos recrutas - neste caso mulheres negras - sejam confrontados com o "tratamento silencioso" ou com tentativas de "implantá-los" em um padrão.

Além das implicações chauvinistas brancas em tais abordagens, essas práticas confundem a necessidade básica de entendimento marxista-leninista que nosso partido dá a todos os trabalhadores, e que aumenta sua compreensão política, com desdém chauvinista pelos talentos organizacionais de novos membros negros, ou pela necessidade de promovê-los à liderança.

Para conquistar as mulheres negras para a plena participação na coalizão antifascista e antiimperialista, para levar sua militância e participação a alturas ainda maiores nas lutas atuais e futuras contra o imperialismo de Wall Street, os progressistas devem adquirir consciência política em relação a seus oprimidos especiais status.

É essa consciência, acelerada pelas lutas, que convencerá cada vez mais milhares de pessoas de que somente o Partido Comunista, como vanguarda da classe trabalhadora, com sua perspectiva do socialismo, pode alcançar para as mulheres negras - para todo o povo negro - a plena igualdade e dignidade em que as contribuições para a sociedade são medidas, não por origem nacional ou por cor, mas uma sociedade em que homens e mulheres contribuem de acordo com a sua capacidade e, finalmente, sob o comunismo, recebem de acordo com suas necessidades.

— Claudia Jones, 1949.